

TRAJETÓRIAS DE FORMAÇÃO: MEMÓRIAS DE UM PROFESSOR DE MATEMÁTICA SOBRE O SEU DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL

Jecy Jane dos Santos Jardim, Francisco Hermes Santos da Silva

Universidade Federal do Pará – UFPA/NPADC

Av. Augusto Corrêa, 01 - CEP: 66075-110 - Belém/PA

jecyjane@uol.com.br

RESUMO- Este artigo apresenta algumas considerações acerca da formação docente, procurando enfatizar o entendimento sobre formação, formação inicial e formação continuada, para em seguida trazer alguns trechos de uma entrevista sobre a trajetória profissional de um aluno do curso de Especialização em Matemática que está sendo realizado pela UFPA através do programa EDUCIMAT. Este aluno é professor de Matemática nas séries iniciais em uma escola pública no interior do Pará.

Palavras – Chave: formação continuada, desenvolvimento profissional.

Área do Conhecimento: Formação de Professores

Introdução

O período de formação inicial pode ser considerado como uma das etapas do desenvolvimento profissional à medida que o futuro professor desenvolva, além de seus conhecimentos, elos de ligação entre o ensino e a aprendizagem, que se torne um profissional reflexivo e que tenha atitudes adequadas na mediação de situações que promovam o ensino de qualidade. Sabemos, entretanto, que o professor iniciante leva um certo tempo para consolidar-se na profissão e entender-se como membro da equipe escolar. O início da carreira é o momento que, segundo Garcia (1999) “os professores deverão realizar a transição de estudantes para professores” e isto inclui passar da fase de empolgação e euforia para a fase de tensão e medo num curto espaço de tempo.

Com a pretensão de incentivar a reflexão acerca dos momentos marcantes do desenvolvimento profissional docente, este artigo traz algumas considerações sobre a formação inicial e continuada de professores, além de apresentar e discutir fragmentos da entrevista-piloto realizada com um dos sujeitos da nossa pesquisa, onde o professor “puxa” pela memória e traz de volta o contexto do início de sua carreira e histórias que ajudarão a perceber as etapas do seu desenvolvimento profissional.

Para esta investigação fizemos uso, inicialmente, da entrevista semi-estruturada e de relatos escritos pelo professor sobre momentos de sua formação acadêmica e sobre as lembranças que ele tem do início da sua carreira docente. Para tratamento dos dados estamos utilizando a análise textual discursiva.

A Formação Inicial

Aprender a ensinar não é tão fácil quanto aparenta e entender-se professor significa entender-se “*muito mais um mediador do conhecimento, diante do aluno que é o sujeito da sua própria formação*”. (GADOTTI, 2003.).

A imagem do professor que detinha todo o conhecimento e que fazia de seus alunos meros depósitos de informação já não possui lugar na escola que desejamos que nossos filhos e alunos frequentem. O aluno, sendo capaz de interagir com o meio que o cerca, precisa encontrar no professor o suporte, o apoio necessário para a construção de seu conhecimento. Alunos e professores caminham e descobrem juntos os novos rumos da educação do futuro.

Entendendo que a formação inicial não pode acontecer longe dos bastidores da prática educacional, ou seja, do ambiente escolar, percebemos a importância de proporcionar aos futuros professores o contato direto com seu futuro local de trabalho. Quanto a isso Gonçalves (2006) afirma que, “*a formação inicial deveria se configurar como uma formação para o docente já começar a se desenvolver profissionalmente*”, isto é, formação e desenvolvimento profissional podem e devem acontecer concomitantemente.

Podemos considerar o período de formação inicial como desenvolvimento profissional quando são desenvolvidos conhecimentos, competências e atitudes que contribuam para o desenvolvimento de um ensino de qualidade.

Garcia (1999) ao enumerar os princípios da formação de professores afirma que “*não se pode pretender que a formação inicial ofereça ‘produtos acabados’, mas compreender que é a primeira*

fase de um longo e diferenciado processo de desenvolvimento profissional”.

O processo de formação é um contínuo e, portanto, não se encerra com o fim do curso de graduação. Com o início da carreira e a aquisição da segurança necessária para conviver no ambiente escolar, o professor precisa ir mais além, precisa assumir uma postura investigativa e enxergar-se sujeito de suas ações refletindo sobre elas.

A formação continuada abre esses novos caminhos ao professor que parte em busca de melhorias para sua prática pedagógica. Mas o que buscam esses professores? E o que são oferecidos a eles nos cursos de formação continuada?

A Formação Continuada

Entrevistando o nosso sujeito, percebemos que a busca pela formação continuada refletia as carências que ele encontrava no seu fazer pedagógico, pois menciona o fato de não ter recebido durante a graduação nem durante a especialização suporte metodológico ou didático que o ajudasse a conduzir melhor a sua aula: *“A licenciatura ou a especialização não nos prepara pra trabalhar com 1ª a 4ª série, nem de 5ª a 8ª. Prepara com o conteúdo (...), mas ser didático, nós não aprendemos no banco da universidade nem na especialização”.*

O que se espera alcançar com os cursos de formação continuada? É evidente que a formação inicial do professor não é suficiente para o exercício da profissão, e mais evidente ainda é a necessidade de partir-se em busca da formação continuada uma vez que contribuir para a construção do conhecimento de nossos alunos é uma prática que se renova a cada instante e que está recheada de novas tendências e novas tecnologias. É preciso apropriar-se dessas mudanças e utilizá-las a favor do ensino de qualidade. Mas, existe uma maneira correta para fazer isso?

No ambiente escolar os professores, principalmente aqueles que estão em início de carreira, sentem que algo precisa ser feito no sentido de acompanhar as transformações pelas quais a educação no país vem passando. O papel do professor precisa ser enquadrado no âmbito da construção colaborativa. Diante de tantas transformações, precisamos mudar a forma de pensar tanto a formação inicial do docente quanto a continuada. Comungo com Imbernón (2005) quando ele nos diz que *“já não podemos entender a formação permanente apenas como atualização científica, pedagógica e cultural do professor, e sim, sobretudo como a descoberta da teoria para organizá-la, fundamentá-la, revisá-la e combatê-la, se preciso. Trata-se de remover o sentido*

pedagógico comum e recompor o equilíbrio entre os esquemas teóricos que os sustentam”.

Seria lógico diagnosticar as carências que os professores possuem para só então decidir sobre o tipo de formação continuada que se deve oferecer ao grupo de docentes da escola da mesma forma que, individualmente, cada professor deveria refletir sobre a busca de melhorias para o seu desenvolvimento profissional de modo a contemplar tanto aos seus discentes quanto a si mesmo.

Segundo Nóvoa (1995) *“a formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autônomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada”.* Este autor afirma, ainda, que *“a formação não se constrói por acumulação (de cursos, de conhecimentos ou de técnicas), mas sim através de um trabalho de reflexividade crítica sobre as práticas e de (re)construção permanente de uma identidade pessoal”.*

Acompanhar as mudanças é importante, mas é preciso ter um direcionamento e um objetivo claro para que tais mudanças não entrem nas escolas ou na vida de professores e alunos como um modismo a mais de uma sociedade mutante.

Seguindo adiante no texto poderemos entender a trajetória profissional do nosso sujeito e fazer nossas reflexões baseadas no que foi exposto até aqui.

Medos e incertezas no início da carreira

Após concluir o ensino médio (magistério) nosso entrevistado ingressa na carreira como professor leigo e nos fala sobre a *“escolha”* da área de atuação: *“A matemática eu comecei, não por opção e nem por vocação, mas sim por necessidade, uma pressão da direção da escola... necessitavam muito de professor de matemática nessa escola onde eu trabalho... Então a diretora simplesmente disse ‘olha, você vai trabalhar com matemática!’. Eu disse: ‘Não diretora!’, e ela: ‘Vai! Você vai, você dá conta, você é capaz!’ Eu comecei a trabalhar com a matemática daí em diante.”*

Podemos ver que nosso sujeito inicia sua carreira sendo impulsionado pelas necessidades da sua escola na época. Percebe-se na sua fala que ele fora colocado em uma situação difícil e que, não havendo outro modo de resolver o problema dele e da escola, sela-se o compromisso com as turmas de matemática. O professor segue, então pra nova etapa do seu início de carreira: Entrar na sala de aula!

Enfrentar pela primeira vez uma turma de alunos requer uma dose elevada de autocontrole e serenidade, afim de que o professor possa manter

seu equilíbrio pessoal e seguir adiante com seu objetivo.

Os primeiros anos de ensino mostrarão os efeitos do estágio e, tendo tido ou não uma boa formação inicial, o professor precisará estar confiante em si mesmo, refletir sobre sua prática e acreditar no potencial de seus alunos.

Durante a entrevista o professor, que iniciou a docência aos 23 anos logo após ter concluído o magistério, ao lembrar do seu 1º dia de aula como professor, desabafa: *“Simplesmente eu não dei aula! (risos) E eu me perguntava: O que é que eu vou fazer aqui mesmo, que eu não sei?! Eu tinha me formado no magistério, tinha a capacidade de dar aula, mas aquele primeiro dia... aquilo pra mim foi super difícil! Porque eu sabia como ministrar uma aula, mas pela situação que eu era tratado naquele momento, por aquela situação eu me via assim... Meu Deus! O que eu faço? Simplesmente eu... Primeiro dia de aula, né! Primeira vez! Primeira experiência foi assim... Traumática! (...) Eram 4 horas de aula, mas na 2ª aula eu disse: 'diretora vou liberar, porque não sei mais o que fazer com esses meninos! Diretora posso liberar?'. (...) Então.. o 1º dia foi assim.....impactante pra mim, eu fiquei desesperado.”*

O relato do professor acerca do seu primeiro dia de aula nos mostra claramente o quanto o professor em início de carreira precisa de um suporte dentro da escola, principalmente os professores leigos, professor como o nosso sujeito, que saiu do ensino médio e foi direto para a sala de aula. Sozinho! E como ele mesmo nos diz, sentindo-se desesperado!

Garcia (1999) reporta-se a Veeman (1984) e a seu conceito de “choque de realidade” quando se refere às dificuldades vividas pelo professor em seu 1º ano de carreira. Ele comenta que segundo esse autor, o primeiro ano caracteriza-se por ser, geralmente, um processo de aprendizagem intensa – na maioria dos casos, do tipo ensaio-e-erro – caracterizado por um princípio de sobrevivência e por um predomínio do valor do prático.

Cada vez mais o choque de realidade se faz presente e o professor encontra-se no meio dessa roda-viva que é a escola e o seu desempenho em sala de aula, isso para não mencionar as adversidades que vez ou outra precisa enfrentar, como esta relatada pelo nosso entrevistado: *“...quando eu me formei no magistério comecei a trabalhar de 1ª a 4ª série, inicialmente com uma 2ª série. Passei mais ou menos uns 6 anos na 2ª série depois 1 ano passei trabalhando com 4ª série. Por necessidade a diretora da escola pediu que eu trabalhasse com uma série mais elevada devido, também, à caligrafia no quadro.(...) eu não escrevia bem então por isso ela pediu que eu fosse pra uma série que soubesse ler e interpretasse um pouco mais”.*

Imaginar que situações como esta ainda ocorrem nas nossas escolas nos causa um grande sentimento de impotência. Vejamos, onde está o problema? No professor que ainda não desenvolveu uma caligrafia adequada para escrever no quadro, nos alunos que ainda não sabiam ler bem ou no tato da direção para lidar com este problema? Mudar o professor de série foi a melhor atitude? Identificar quais são as dificuldades enfrentadas pelos professores em início de carreira e descobrir como podemos ajudá-los a superar é o dever de toda a equipe gestora da escola, para o bem estar de todos, alunos e professores.

Em busca de qualificação profissional

Após alguns anos atuando como professor leigo, surge a oportunidade de cursar uma Universidade. Então o “nosso” professor segue em busca de qualificação e enfrenta os percalços de um curso superior em regime intervalar:

“A licenciatura apareceu depois de 12 anos. (...) no início a gente sempre esperava cursar um nível superior, só que havia a dificuldade de o nível superior ser sempre distante e não termos estrutura pra nos deslocarmos para outro pólo.(...). Ofereceram 2200 vagas em vários campi no interior para que os professores ditos leigos, fizessem um vestibular para poder ingressar [na universidade]. Fiz a Universidade em Castanhal, pela UFPA, e cursei durante os 4 anos. Era intervalar. Só nos meses de julho, janeiro e às vezes um pedaço de fevereiro.”

Entre os vários momentos marcantes que vão facetando a identidade profissional de qualquer professor, o estágio assume uma posição de destaque ao representar, para a maioria dos alunos da formação inicial, o primeiro contacto “sério” com o “mundo real” da atividade docente (ALARCÃO [et al] apud GALVÃO & REIS, 1997). No caso do professor leigo, este é um momento em que se espera por respostas não encontradas anteriormente durante sua experiência em sala de aula. O professor-aluno busca descobrir até que ponto está correto o trabalho que vem desempenhando na escola e que novas estratégias de ensino o estágio pode lhe proporcionar. No caso do nosso sujeito, o estágio foi uma espécie de retorno ao seu “habitat natural”.

“O estágio foi o ponto alto da nossa licenciatura exatamente por que nós fomos fazer aquilo que nós sabíamos fazer, da forma que nós trabalhávamos nós voltamos a trabalhar no nosso estágio, pesquisando, indo atrás das coisas e pegando a disciplina, principalmente a matemática, colocando ela de uma forma bem simples e que os alunos compreendiam”.

A experiência profissional que o professor leigo trás na bagagem enriquece o estágio, pois o medo

inicial dá lugar a uma certa familiaridade com o ambiente escolar.

Viver a realidade da escola é saber enfrentar as dificuldades e estar sempre buscando inovações e conhecimentos que enriqueçam o nosso fazer pedagógico. Às vezes a procura pela formação continuada não corresponde aos anseios do professor que ao se deparar apenas com conteúdos não vistos na graduação sente-se ultrajado e perdido.

O professor necessita muito mais que conhecimento teórico para poder desenvolver-se profissionalmente e isto implica mudanças nas formações ofertadas a estes docentes, seja na formação inicial ou na continuada.

Considerações Finais

Esse contato com o professor entrevistado nos fez pensar sobre os caminhos pelos quais os professores precisam passar para conquistar o seu espaço e ter seu trabalho reconhecido.

O desenvolvimento profissional aparece sob muitas faces e diante de contextos variados. O relato do professor é demasiado semelhante a muitos outros relatos de professores que iniciaram suas carreiras antes ou depois de terem passado pela graduação.

Percebi que ao falar das tensões do início ou das dificuldades encontradas no decorrer de sua experiência profissional, o professor encaixa-se perfeitamente nas situações tomadas como objetos de estudo de muitas pesquisas na área de formação de professores.

Espera-se que o professor seja crítico, reflexivo, atualizado, que domine o mínimo da tecnologia emergente e que torne suas aulas, o mais diversificadas possíveis, para que possa ter espaço diante das variadas formas de aquisição de conhecimento a que seu aluno está exposto. Contudo, há ainda que se pensar sobre o contexto no qual a escola está inserida, num currículo que atenda as necessidades da comunidade onde esse professor atua e na valorização profissional do mesmo.

O importante é unir forças no sentido de incentivar os futuros professores ao exercício da prática antecipada, para que possam constituir-se professores autônomos, pesquisadores, questionadores, professores que reflitam sobre o seu fazer pedagógico em prol da melhoria da sua prática.

Não se pode esquecer da necessidade em lançar um olhar sobre os professores que atuam com um mínimo de conhecimento teórico e oferecer a estes e às escolas que deles precisam o suporte necessário para que se desenvolva ali um ensino de qualidade.

Nem tudo está perdido. Ainda há, espalhados pelo país, inúmeros professores anônimos,

professores como nosso sujeito, que apesar das dificuldades, buscou e continua buscando marcar seu nome na história.

Agradecimentos

Agradecemos à CAPES, pela concessão da bolsa de mestrado, sem a qual eu não poderia adquirir meus livros e nem participar de encontros desta natureza. Obrigada!

Referências

- GADOTTI, Moacir. **A boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. São Paulo Cortez, 2002. Disponível em: http://www.ufmt.br/gpea/pub/Gadotti_boniteza_sonho.pdf. Acesso em: 10 março 2008.

- GARCIA, Carlos Marcelo. **Pesquisa sobre a Formação de Professores: O conhecimento sobre aprender a ensinar**. In: *Revista Brasileira de Educação*, 1998. Disponível em http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE09/RBDE09_06_CAR_LOS_MARCELO.pdf>. Acesso em: 10 março 2008.

- GONÇALVES, Tadeu O. **A constituição do formador de professores de matemática: a prática formadora**. Belém: CEJUP, 2006.

- GONÇALVES, Terezinha V. O. **Prática Docente e Construção Coletiva de Professores de Ciências e Matemática: O clube de Ciências da UFPA**. Disponível em <http://pwp.netcabo.pt/PedroRochaReis/>. Acesso em: 10 março 2008.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação Docente e Profissional: formar-se para mudança e a incerteza**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005. (Coleção Questões da Nossa Época; v. 77).

NÓVOA, António. **Formação de Professores e Profissão Docente**. In: *Os professores e a sua formação*. NÓVOA, António (Org.). Lisboa, 1995. (Coleção Nova Enciclopédia; v. 39)